

Educação escolar indígena Mehî (Krahô). Das possibilidades da *Caxekwýj* e outras histórias na escola

Letícia Jokakwyj

RESUMO: Este texto busca problematizar práticas pedagógicas coloniais ainda presentes na escola Krahô. Mais especificamente se pensa sobre a importância das histórias dos antigos para a formação das crianças e jovens mehi (indígena). Simultaneamente, questiona-se a disciplina história, presente na grade curricular das escolas Krahô. Em primeiro lugar, do ponto de vista de seu conteúdo, a história é contada quase sempre a partir da narrativa não indígena. Em segundo lugar, a narrativa se adapta por sua forma a um modelo disciplinar de educação, ou seja, de uma maneira que fragmenta o conhecimento e o elabora a partir de uma episteme ocidental.

Palavras-chave: escola, histórias, colonialidade, indígenas, Krahô

Indigenous school education mehî (krahô). About Caxekwýj's and other narratives possibilities at school.

ABSTRACT: This text seeks to problematize colonial pedagogical practices still present in the Krahô school. More specifically one thinks about the importance of the histories of the old ones for the formation of the children and young mehi. Simultaneously, the discipline history, present in the curriculum of the Krahô schools, is questioned. First from the point of view of its content, the story is told by non-Indians. Secondly the narratives are expressed by its disciplinary form, that is, in a way that fragments the knowledge and elaborates it from a Western episteme.

Keywords: school, stories, coloniality, indigenous, Krahô

A história da estrela, *Caxekwýj* reafirma o caráter matrilinear de *Caxekwýj*. Ela é ensinada aos *Mehi* (indígena) pelos mais velhos das aldeias, que gostam de contar histórias.

Nessa mesma aldeia, tinha um rapaz solteiro que gostava de dormir no pátio – ky. Desde a história vivida por esse rapaz os jovens dormem em suas esteiras no ky, principalmente no verão. À noite esse rapaz ficava olhando as estrelas – Caxekwýj e conversava com elas. Entre uma conversa e outra ele pensou: “há se eu pudesse casar com umas dessas estrelas”. Certa noite o rapaz estava deitado no ky, quase dormindo, quando uma rã – pròkajajrè - pulou sobre sua barriga. Ele se assustou, pegou a rã e jogou bem longe. Algum

tempo depois ela voltou e pulou na barriga do rapaz. Ele jogou outra vez a pròkajajrè fora, mas logo ela se transformou em uma mulher linda – cahhãj impej - e começou a conversar com o jovem Mehî pedindo que ele lhe escondesse dentro de uma cesta – cajpô - na qual só ele poderia ver e conversar com ela. Ele fez o que a Caxekwýj pediu. Todos os dias o rapaz saía para caçar e quando voltava da caçada, no final do dia, ia encontrar-se com a Caxekwýj que estava escondida em sua casa. A Caxekwýj vivia dentro de cajpô que ficava pendurado em cima do seu kwýc de dormir. Ele abria o cajpô e ela lhe sorria. Todos os dias eram assim. Até que certo dia a irmã do rapaz passou a observar que ele tinha muito ciúme de sua caj-

pô. Ela ficou curiosa e começou a pensar “o que será que tem naquela cajpô para meu irmão ter tanto ciúme? Não deixa ninguém pegar na sua cajpô”. Então ela passou a vigiar o seu irmão. Quando o rapaz saiu para caçar a sua irmã foi até a sua kwýc e abriu a cajpô, a Caxekwýj sorriu pensando que era o rapaz que ela já considerava seu marido. Mas não era ele e Caxekwýj ficou muito triste e desde então não sorriu mais. Quando o Mehi chegou da caçada foi vê-la e percebeu que ela estava triste e não sorriu mais. A Caxekwýj falou para o rapaz agora já seu marido – in pjên: “sua irmã me viu. Não posso me esconder mais”. Ele respondeu a ela dizendo: “Já que minha irmã te viu, vou mostrar você para a minha família”. Ele tirou a Caxekwý do cajpô e apresentou para toda a família e fizeram o casamento deles. A Caxekwý, passou a viver com os Mehi e ficou prestando atenção nas atividades que eles faziam. Certa vez a Caxekwý estava no córrego que toda a comunidade tomava banho e lá tinha um pé de milho muito grande com diferentes espécies de espigas de milhos. Essas espigas caíam no córrego e ficava boiando sobre a água. Mas os Mehi não sabiam o que eram aquelas coisas (as espigas de milhos) apenas afastavam com as mãos para banharem. A Caxekwý já cansada de ver os Mehi comendo carne e casca de árvore, falou com seu in pjên e sua família sobre o pé do milho. Levou todos até o córrego e mostrou para eles que aquele pé de milho era um alimento que se encontrava ali e eles não sabiam. Cortaram o pé do milho e os levaram para aldeia. Na aldeia a Caxekwý foi ensinar os Mehi a preparar o milho como alimento. Assim a Caxekwý reuniu a família de seu in pjên e disse: “vou ensinar vocês a fazer um paparuto – kwýrcupu. Ralem os milhos, coloquem a massa do milho ralado na folha

de bananeira e levem para assar moqueado”. Quando o kwýrcupu ficou pronto a Caxekwý abriu ele, cortou um pedaço e disse: “experimente! Como é bom comer kwýrcupu”. Uma das irmãs do seu in pjên pegou um pedaço, saiu correndo na aldeia para mostrar kwýrcupu e falou para todos: “olhem o que minha cunhada fez é de milho experimenta é bom!” Todos os Mehi gostaram muito. Foi assim que os Krahô começaram a comer milho. A Caxekwý possuía muitos conhecimentos e queria ajudar os Mehi, então, todos os dias ela ia com o seu in pjên caçar no mato. Quando chegavam no mato ela dizia para ele: “fique aqui me esperando, que eu vou ali e já volto”! Ele ficava lá esperando ela. Tempo depois ela voltava trazendo consigo carne de caça, sementes diversas – amendoim, gergelim, fava, batata, inhame e outros alimentos. Foi assim que os Krahô passaram a comer outros alimentos além da caça, casca de pau e frutos do mato. A Caxekwý ensinou muitas coisas boas para a comunidade. Com o passar do tempo ela engravidou. Quando seu bebê nasceu, ainda durante o resguardo o craré ficou doente e morreu. Com a morte de seu filho o apjên passou a culpar a Caxekwý, dizendo que ela o tinha traído com outro homem, porque eles estavam de resguardo (ou seja, eles não estavam dormindo juntos). Com isso a Caxekwý ficou muito triste e falou para seu ipjên que ia embora “eu preciso voltar para o lugar de onde eu vim”. A Caxekwý foi embora e nunca mais voltou. Assim os Mehi começaram a se alimentar desses alimentos que foram deixados e ensinados pela Caxekwý. Em agradecimento à Caxekwý os Mehi, desde então, colocam o seu nome em suas filhas.

Essa história da estrela, de Caxêkwyj, é mais uma história que fui escutando, ou-

vindo de meus parentes e fui aprendendo a importância da existência da Caxêkwyj aqui na terra. Dessa forma aprendi sobre o mundo *mehi*, na convivência de minha família. Fui crescendo ouvindo essas histórias. Ficávamos deitados em uma esteira olhando para o céu, vendo as estrelas, minha avó deitada do nosso lado à luz do fogo no terceiro da casa. Parte daí meu interesse em compreender a importância das narrativas (que os *mehi* preservam nos dias atuais) e evidenciar a sua importância na educação escolar indígena. Para Langdon (1999, p. 20)

A narrativa faz parte do discurso humano, permeia o discurso cotidiano mas também o evento de contar pode ser reservado para momentos especiais, marcado por contextos específicos onde os membros de um grupo se juntam para se divertirem e se comunicarem.

Das distintas formas de transmissão dos saberes tradicionais Krahô, uma das mais importantes é a oralidade, sendo esta prática de linguagem expressa em diferentes atividades do dia a dia de nosso povo. É por meio da oralidade que os *Mehi* contam as histórias de vida, transmitem ensinamentos, adquirem conhecimentos e interagem entre si. Para Langdon o conceito de narrativa “já concebe que a narrativa, como expressão oral, faz parte dos gêneros dramáticos e performativos marcados por qualidades estéticas e emergentes através da interação social” (1999, p. 14). É em meio à sabedoria dos mais velhos em contar histórias que se deu a coleta das histórias do meu povo. Os jovens já apresentam sinais de estarem menos interessados nas narrativas, apesar de as crianças ainda se encantarem ao ouvi-las, ao serem narradas pelos

mais velhos.

O povo Krahô, autodenominado *Mehi*, cuja língua falada é o *Mehi*, da família linguística Jê, do tronco Macro-Jê, é também reconhecido como povo Timbira, conforme destaca Melatti (1978). Isto se dá por conta do fato de que possuem línguas comuns e práticas socioculturais semelhantes. O povo Timbira é constituído pelos seguintes povos indígenas: os Krahô e Apinajé, localizados no estado do Tocantins (TO); os Ramkokamekrá (conhecidos hoje como o povo Canela), os Apaniekrá (conhecidos também com Canela), os Krikati, os Gavião, localizados no Estado do Maranhão (MA), e também os Gavião, do Estado do Pará (PA). Deste contexto sociocultural e linguístico os Krahô estão localizados nas terras indígenas conhecidas como Kraolândia, localizadas nos municípios de Goiatins e Itacajá, Região Norte do estado do Tocantins, conforme mostra a imagem abaixo.



Fonte: <drs.seinf.to.gov.br/.../1.../1_Pier_an3_V09_Povos %20Indígenas.doc>. Acesso: em 15 de maio/2016

O povo Krahô, desde seus antepassados, são detentores de muitos saberes, os quais possuem origem em seus pais que são o Sol – *Amcrô* e a Lua – *Pytwýrê*. Esses dois seres foram também os responsáveis por muitos dos ensinamentos tradicionais deste povo,

principalmente a relação e apego com a natureza, de onde retiram parte de sua segurança alimentar. É deles igualmente o ensinamento da oralidade, que em parte constitui as histórias de vida narradas nos diversos espaços de convivência e atividades diárias dos *Mehi*, onde são transmitidas as histórias que constituem este povo.

Meu inxû (pai), quando era vivo, gostava muito de contar histórias para nós, principalmente depois do jantar. Depois que todos terminavam de comer íamos para frente da casa, logo cada um procurava uma esteira e colocava em um lugar plano para deitar para ficar conversando com os demais da casa.

A comunidade indígena em geral se preocupa em deixar em registro alguns conhecimentos de seus antepassados, porém, estes conhecimentos eram repassados apenas oralmente, como de costume. Hoje há outros modos de transmissão do conhecimento. O problema é que as crianças em fase escolar precisam ter mais conhecimentos desses saberes tradicionais em sala de aula e mais acesso à oralidade *mehi*. Muitas destas narrativas já estão sendo parcialmente esquecidas.

Neste cenário, busco ter como colaboradores de minha pesquisa os anciãos da aldeia Nova, que narram as histórias destes mitos, em especial os anciãos Pedro Terri Krahô e Naímar Tuhhôn Krahô, que conhecem as práticas socioculturais a serem investigadas no decurso dessa pesquisa.

Buscarei assim investigar as possibilidades da escola em se apropriar de alguns modos tradicionais de ensino e aprendizagem. E focar meu estudo na escola Panrã, da aldeia Nova. Esta escola foi criada em 1992, juntamente com os professores e alunos. Um dos fundadores da escola foi o

meu pai Sabino Koíame Krahô e minha mãe Creuza Prum Krahô.

A escola só foi concluída após muitos dias de lutas, pois a aldeia não tem acesso direto a transporte e as dificuldades de transportar os materiais de construção e mesmo os escolares eram imensas. Mesmo assim eles não desistiram de construir uma escola, que atualmente está em condições precárias. Segue, todavia, tendo aulas com poucos alunos. A escola Panrã passa por uma tentativa de reformulação curricular de modo a ter os saberes *mehi* como base da nova matriz curricular. Esta tentativa é coordenada por minha *inxê* Creuza Prum Krahô (2017), cuja dissertação ressalta a importância do conhecimento feminino do mundo *mehi* a partir de seu estudo sobre a complexidade dos resguardos.

De igual modo, espero que essa vivência socioeducativa possa implicar novas práticas de aprendizagem para a educação escolar indígena, ao fazer uso das narrativas dos antigos em um contexto de interação entre os modos próprios dos *Mehi* em lidar com a educação indígena das crianças face a educação escolar indígena ora ministrada na escola.

Assim, busco compreender a importância das narrativas dos antigos (que os *mehi* preservam nos dias atuais) e a partir daí buscarei refletir sobre sua importância na educação escolar indígena, no sentido de reverter a lógica dos postulados epistemológicos eurocêntricos e etnocêntricos presentes na escola indígena. Neste contexto, entendo a necessidade de uma rearticulação das bases curriculares escolares.

A população mais jovem indígena segue interessada nas práticas e performances decorrentes das narrações das histórias e na participação dos ritos como dinâmicas

próprias da práxis Krahô, especialmente a partir das histórias de origem Sol – *Amcrô* e a Lua – *Pytwýrê*, perpassando a criação e formação dos primeiros *Mehi*, das aldeias circulares. Esta narrativa, em particular, destaca a importância dos partidos *katâmjê* e *wacmejê*, para a organização social e cultural de meu povo. Os nomes estão relacionados aos partidos *katâmjê* e *wacmejê*. A criança que nasce no tempo do inverno é *katâmje* e a que nasce no tempo do verão é *wacmejê*. É importante destacar na narrativa as formas tradicionais de organização destes partidos, que se dá em conformidade com o período.

Quando chega o verão, o partido *katâmjê* passa a ter o poder de comandar as atividades socioculturais da aldeia, quando termina o mandato do referido partido é feita uma festa tradicional, sendo realizadas muitas atividades ritualísticas, como as corridas de tora de buriti, cantorias, a degustação de comidas como o paparuto – beiju que é preparado com a massa de mandioca e carne. Ao término da festa inicia-se o tempo do inverno, ou seja, do partido do *wacmêjê* e a relação de poder e comando da aldeia é repassada para a outra metade, o outro partido.

Na aldeia Nova, *Krĩntuw*, assisti, igualmente, a história do *Alkêre* pela qual são ensinados e apreendidos de geração a geração aspectos fundantes do mundo *mehi*. A História do *Alkêre*, acredito, vai fazer parte de minha história de vida como indígena Krahô.

Existia uma aldeia muito grande na qual moravam muitos Mehi. Foi dessa aldeia que surgiram muitas histórias de vida que os krahô conhecem e conta para os mais novos até hoje. Dessas histórias temos o

rito do Alkêre que conta que certo dia uma mulher solteira engravidou e a família não queria que ela tivesse a criança. Mas ela não queria matar seu filho durante o período de gestação. Como todos os dias ela ia banhar no rio, o seu filho – Akrajré, saía de sua barriga e se transformava em algum animal e ficava banhando no rio com sua mãe – inxê. Assim Akrajré foi crescendo e a família dela nunca aceitava esse menino. Quando o ihkrajré nasceu os seus tios mais velhos o pegaram e levaram para matar. A sua inxê, naturalmente ficou chorando, muito triste. Enquanto isso os tios dele subiram em uma serra bem alta. Do alto dessa jogaram ihkrajré, o Alkêre. Quando os seus tios o jogaram de cima pra baixo ele se transformou em uma folha seca e não morreu. Depois de jogarem o Alkêre, os tios foram embora pensando que ele tivesse morrido durante a queda. Ao chegarem na aldeia encontram o Alkêre no colo de sua mãe. Novamente o pegaram e levaram para matar. Agora eles iam colocar fogo no Alkêre. Fizeram, então uma grande fogueira, colocaram o Alkêre e foram embora. Mas ele não se queimou, saiu da fogueira e não voltou para aldeia e tampouco para a inxê. Os tios retornaram para a aldeia, falaram para a família que tinham queimado o pequeno menino. O avô dele passou dias e dias fazendo uma esteira e quando terminou falou para sua filha que ia lá, no local onde queimaram seu neto, e assim fez. Chegando perto do local onde haviam queimado o Alkêre, seu avô escutou um grande movimento muito diferente da aldeia. Esse lugar era semelhante a uma fazenda, lá tinha criação de porco, galinha, cavalo, cachorros valentes, homens armados, empregados – conta os mais velhos que os homens e os empregados eram cupêtucre. O avô foi chegando mais perto desse lugar até ser avis-

tado. Mas o seu neto, que ele acreditava que tinha sido queimado, já sabia que aquele homem era seu avô. O Alkêre já não era mais o *ihkrajré*, e, sim um homem formado (adulto). Ele era o dono daquele lugar e morava ali com seus guardas e os demais empregados. O seu avô chegou e foi bem recebido em sua casa, dormiu lá e conversou muito com seu neto. O Alkêre falou que não estava com raiva dos tios que quiseram matar ele, mas queria muito conversar com seus tios e ver sua mãe da qual estava com muitas saudades. O seu avô voltou para aldeia e falou para toda a família que o menino não morreu e mandou recado para todos que o fossem visitar. No dia seguinte todos foram, mas os tios estavam com medo dele. Chegando lá foram bem recebidos, comeram, dormiram e, somente no dia seguinte, o Alkêre mandou seus guardas pegarem as armas (espingardas), arcos e flechas e falou para os Mehi escolherem as armas que eles queriam para usar em suas vidas. Todos ficaram muito empolgados e quando pegaram as espingardas e miraram em um objeto qualquer se assustaram com o barulho do tiro – os Mehi saíram correndo para todos os lados e não quiseram mais saber de espingardas. Depois que todos ficaram calmos o Alkêre deu-lhes os arcos e as flechas para atirarem. Os Mehi, ainda com medo, atiram usando o arco e a flecha, e perceberam que não isto havia feito nenhum barulho, de modo que não assustou ninguém. Com isso o Alkêre disse para os Mehi: “essas serão as suas armas de guerra e de caçada, se tivessem escolhido as espingardas seriam transformados em *cupê*”. Alkêre deu aos Mehi os arcos e flechas e estes voltaram para a aldeia, sabendo que aquele menino não morreu, tinha se transformado em um homem muito inteligente e sábio, para os Mehi ele é filho de Deus – *pahpân*.

Assim ele é o Sol. Alkêre pediu para sua mãe ficar morando com ele e ela não voltou mais para a aldeia. Desde então, os Krahô passaram a usar arco e flecha, como sendo suas armas tradicionais.

Lembro-me que minha inxê contou essa história umas duas vezes, nas vezes que meu pai nos deixou por precisar sair e passar dias fora de casa a trabalho. Ela relatou que os mais velhos contam que Awkêre foi um menino muito inteligente que por isso muitos *mehi* são inteligentes e tem habilidades, tem a inteligência para construir estratégias em caso de precisar fugir de algum perigo, de algo que possa lhes fazer o mal.

A história do Awkêre, desse menino inteligente que veio e ensinou alguns instrumentos importantes para a sobrevivência dos *mehi*, pode ser importante para todas as crianças *mehi*. Pode ser a base de uma nova escola Krahô. Já a história do *Jât jô pin ou pâr'ti* explica a origem de um dos ritos mais importantes do povo Krahô: a Festa da Batata.

Os Mehi nos tempos de nossos antepassados viviam entre os animais da mata, sem terem contato com os não indígenas, tinham a terra só para si, eram livres e podiam mudar de um lugar para outro sempre que queriam. Hoje não é mais assim, por isso que os Mehi vivem atualmente em aldeias fixas. Foi esse contexto de liberdade que deu origem ao rito do Jât jô pin ou pâr'ti. É sabido que os Mehi têm o costume de fazer roças para suas plantações e nelas plantam diversas sementes, além de mandioca, batata e outros alimentos. Foi em uma dessas roças na qual tinham muitas sementes plantadas, que entre essas plantações tinha as batatas. Mas os Mehi que haviam feito essa roça decidiram sair

por um tempo dessa aldeia, assim que terminou a colheita do milho, arroz, fava, deixando para trás as plantações de batatas, inhames, mandioca. Assim, os Mehi se foram e construíram uma outra aldeia mais pequena e passaram a morar nesta, onde também fizeram novas roças. Enquanto isso as batatas iam crescendo na antiga roça até que certo dia uma anciã falou para seu sobrinho: “vai à aldeia velha ver nossas casas que ficaram lá”. O rapaz obedeceu, e foi na aldeia velha. Chegando na aldeia já foi estranhando, porque ouvia se muito barulho de festa, com cantoria, crianças gritando e correndo, ou seja, tinha uma movimentação muito grande. Quando ele chegou bem perto viu que realmente tinha muitas pessoas na aldeia fazendo festa. Logo ele chegou e entrou em uma casa mais próxima da estrada na qual estava uma anciã que falou o seguinte: “oh meu sobrinho, bom dia, então você veio nos visitar”? Ele respondeu: “sim tia, vim visitar a aldeia. Mas, encontrei vocês aqui nessa festa como chama mesmo essa festa? A anciã respondeu: “é a tora da batata – jât jôpin”. Ele disse: “há tá”! O rapaz, ficou na aldeia observando a festa, as cantorias e os demais manifestações que ocorreram durante a festa. Contam os nossos antepassados que o jât jôpin é uma comemoração da batata que já estava no ponto de ser retirada da terra para ser consumida pelos Mehi. Essa festa dura aproximadamente três dias. No primeiro dia são preparados os cofos que serão usados para guardar as batatas. As toras das batatas são cortadas muitos dias antes da realização desta festa. Essas toras são retiradas de uma árvore específica. São pesadas e os Mehi correm carregando essas toras nos ombros individualmente, mas sempre fazendo o revezamento entre os Mehi do mesmo partido. No segundo dia, todos da aldeia se pintam, com jeni-

papo e urucum e cortam o cabelo. Na aldeia tem o wytty que um menino (que é escolhido pelas mulheres) e menina (que é escolhida pelos homens) para serem os líderes da festa. São eles também os responsáveis pela alimentação e hospedagem dos Mehi que vieram de outras aldeias. Depois os rôxua – os palhaços da festa vão para o mato escolher a árvore da qual será retirada as toras das batatas. São os rôxua que preparam essas toras. Somente os homens adultos correm com essas toras, porque são muito pesadas. As mulheres e jovens só acompanham a corrida. Quando termina essa corrida todos se reúnem e cantam e seguem cantando em direção a casa do wyty. No período da tarde os grupos são formados por um cantor com o maracá (chocalho feito de coitê que tem um cabo de madeira) por duas mulheres que acompanham um rapaz que fica com um cófo (uma cesta feita da palha de buriti), cheia de batatas que ele joga nos homens que estão na frente desse grupo, como participantes da festa. O grupo vai cantando em todas as casas. De modo que todas as pessoas da comunidade saem de suas casas e seguem acompanhando esse grupo até dá a volta na aldeia. Depois vão todos para o pátio – ký onde termina a cantoria. À noite fazem uma grande fogueira e colocam as crianças para brincar em roda do fogo, nesse mesmo momento vem chegando os rôxua. As pessoas que são rôxua são escolhidas pela comunidade pelos nomes indígenas que vem de muitas gerações de Mehi. Quando chegam à fogueira as crianças saem correndo e ficam observando de longe, os rôxua fazem esses movimentos umas quatro vezes e voltam para o interior da aldeia, e lá ficam esperando os parentes que irão dar banho neles, porque eles estavam com o corpo pintado de argila. Depois do banho os rôxua vão embora para as suas casas. Os

demais Mehi vão fazer cantoria e dança no ký, depois vão dormir. No dia seguinte, bem cedinho vão todos ao ký para terminar assim a festa da batata. Nesta festa que o rapaz participou todos esses dias ele dormia também na aldeia. Quando terminou a festa o rapaz foi embora. Chegando à nova aldeia ele foi comunicar a todos que na aldeia velha deles já tinha gente morando. Essas pessoas tinham as mesmas aparências físicas dos Mehi, portanto, eram as batatas que eles tinham deixado plantadas na roça que haviam se transformado em Mehi. Dessa história toda, os Krahô ficaram cientes que perderam a sua aldeia para as batatas Mehi. O rapaz repassou tudo que aprendeu na festa, às cantorias, as danças, as corridas com toras, a alegria dos rôxua. Disse ainda que nesta festa tem cantorias maldosas que os cantores cantam quando estão querendo repassar alguma mensagem do mal para a comunidade. Assim foi a festa das batatas dos Mehi.

Na narrativa desse ritual, existe uma relação que demonstra a importância das histórias na educação dos futuros jovens *Mehi* e que aponta para a necessidade de desenvolverem atividades no espaço escolar através da oralidade e da escrita. Essa é minha visão e entendimento como indígena Krahô do *krintuw*. Nasci nesse povo e fui crescendo ouvindo essas histórias, nas noites silenciosas, só com os cantos de alguns pássaros da noite. Nessas noites eu ficava morrendo de saudades dos meus pais que me deixavam com minha avó para irem a reuniões nas outras aldeias ou nas cidades. Ficávamos deitados em uma esteira olhando para o céu.

Minha avó iniciava suas narrativas dizendo que contaria uma história para nós, que era importante aprender porque é de nossa

origem como *mehi*. Uma história que falaria sobre o *Awkêré*, que os *mehi* deixaram de ser *cupê*, porque escolheram a flecha e arco e não o *catôc* (espingarda), e continuaram sendo *mehi* usando essas armas que não fazem barulho quando os *mê hûmré* (os homens) vão caçar no mato.

Na aldeia a vida é muito calma. Nós *mehi*, não estamos preocupados com nada, se tem roça plantada, se não tem aula na escola, se tem história sendo contada, A preocupação é pouca. As crianças passam o dia brincando e tomando banho no rio e só vão para casa quando estão com fome ou os pais vão buscar brigando com eles.

A partir do conhecimento científico propiciado pela história, é possível se ter uma visão ampliada das narrativas e de sua importância peculiar para os Krahô. Na condição de acadêmica indígena tenho conhecimentos e compartilho com os jovens que conhecem as histórias correspondentes, mas, alguns de seus sentidos mais complexos, e em alguns casos até mesmo a linguagem que os expressa, corre o risco de serem esquecidos. Essas narrativas dos antigos *mehi* geradores da cultura do povo Krahô devem ser lembradas e recontadas sempre que a ocasião permitir. Elas devem ser entendidas igualmente a partir de seu contexto. Para Langdon (1999, p. 15),

a maior parte dos estudos de narrativa tem tratado os textos como fixos, ignorando a contextualização de sua produção, ou seja, ignorando que a narrativa é o resultado do evento de sua narração num contexto cultural particular e as implicações deste evento para o texto.

A escola pode ser este espaço e ocasião.

REFERÊNCIAS

MELATTI, J. C. **Ritos de uma tribo timbira**. São Paulo: Ática, 1978.

LANGDON, Esther, J. A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 13-36, dez. 1999.

PRUMQUOI, Creuza Krahô. *“Wato ne hômpu ne kãmpa Convivo, vejo e ouço a vida Mehi” (Mãkrarè)*. **Dissertação** de mestrado. Mestrado Intercultural. UnB, 2017.